



EccoS Revista Científica

ISSN: 1517-1949

[eccos@uninove.br](mailto:eccos@uninove.br)

Universidade Nove de Julho

Brasil

Militão da Silva, Jair

Educação para a dignidade humana: a contribuição de Paulo Freire na atuação do Centro Sócio

Educacional Sanitário Madonnina del Grappa

EccoS Revista Científica, vol. 9, núm. 1, janeiro-junho, 2007, pp. 183-198

Universidade Nove de Julho

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71590111>

- ▶ [Como citar este artigo](#)
- ▶ [Número completo](#)
- ▶ [Mais artigos](#)
- ▶ [Home da revista no Redalyc](#)

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# EDUCAÇÃO PARA A DIGNIDADE HUMANA: A CONTRIBUIÇÃO DE PAULO FREIRE NA ATUAÇÃO DO CENTRO SÓCIO EDUCACIONAL SANITÁRIO MADONNINA DEL GRAPPA

*Jair Militão da Silva*

Pró-Reitor Adjunto de Pesquisa  
e Pós-Graduação da Unicid.  
São Paulo – SP [Brasil]  
[jsilva@cidadesp.edu.br](mailto:jsilva@cidadesp.edu.br)

A  
R  
T  
I  
G  
O  
S

Neste texto, apresentam-se e analisam-se algumas contribuições de Paulo Freire ao desenvolvimento de uma Educação para a dignidade humana. Relembra, ainda, alguns episódios da presença de Paulo Freire no Brasil e sua repercussão no ambiente acadêmico e social brasileiro. Avalia-se a influência das propostas educacionais de Paulo Freire na organização e no desenvolvimento dos trabalhos realizados em uma escola destinada ao atendimento de crianças e jovens excluídos do sistema regular de ensino, sediada no Ceará – Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Centro Sócio Educacional Madonnina del Grappa. Educação. Paulo Freire.

## 1 Alguns elementos para pensar uma educação para a dignidade humana: a contribuição de Paulo Freire

Para pensarmos uma educação para a dignidade humana, torna-se interessante, primeiro, ter claro o que se entende por educação.

Valendo-nos da contribuição de teóricos que desenvolveram a noção de “campo de conhecimento”, é possível considerar o trabalho educativo como pertencente ao “campo educacional” que se explicita na “situação educativa”.

Uma situação pode ser considerada educativa quando ocorre superação de uma situação anterior para uma nova, sem que os elementos da antiga sejam totalmente eliminados; a nova situação apresenta algo de novo, sem romper totalmente com o antigo. Como elemento central desse processo está a existência de uma mudança. Muitos educadores dizem que “se não houve mudança, não houve educação”.

Com esse entendimento do que é educação, podem ser destacados três elementos fundamentais que devem estar sempre presentes em uma situação educativa: um ponto de partida, um ponto de chegada, um caminho. No ponto de partida, estão alocados os pressupostos antropológicos e gnosiológicos, ou seja, a visão que o educador tem do educando no que se refere ao que é ser humano e como ele aprende. No ponto de chegada, estão os fins e objetivos da educação, ou seja, aquilo que o educador busca realizar com o trabalho educativo, considerando um horizonte de longo alcance – os fins – e outros, de curto prazo – os objetivos. O caminho é o método. São palavras sinônimas que indicam os procedimentos utilizados para que haja mudança de um ponto a outro.

O poder da educação está em criar identidades. A identidade é a resposta que damos à pergunta: quem sou eu? É o parâmetro que usamos para nos relacionar com a realidade interna e externa a nós. Os antropólogos e

psicólogos afirmam que nossa identidade condiciona nossas ações, limitando ou expandindo nossas possibilidades.

Nossa identidade é criada e mantida mediante nossas relações com as outras pessoas. Um grupo de referência é necessário para que nos comparemos sempre e cultivemos nossa auto-imagem. Desse modo, responder à pergunta “quem sou eu?” é também responder à “de quem eu sou?”.

Educar para a dignidade é, desse modo, educar para que a pessoa assuma uma identidade que comporte a noção de seu valor intrínseco e inalienável, ou seja, que ela perceba que vale por si própria e que não pode ser utilizada como valor de troca em nenhuma situação. O que ajuda nesse processo educativo é a experiência da gratuidade, de ser amada e querida pelo simples fato de existir e não pelo que pode oferecer de utilidade.

O instrumento próprio do educador é o “currículo”, entendido como “o conjunto de experiências oferecido ao educando”. Essa noção de currículo implica que ele seja intencional, sistemático e progressivo.

Para avaliar um currículo, é necessário pensar em seus elementos básicos: os temas que aborda; os juízos de valor sobre esses temas; as formas pelas quais são apresentados os temas e os juízos de valor.

Um exemplo simples, mas de grande relevância, pode ser o tema “quem sou eu?” No conjunto de experiências proposto pelo educador ao educando estará presente esse tema ou não? E, estando presente, que juízo de valor será feito? Sou alguém que só atrapalha? Só dou trabalho? Só fracasso? Ou sou alguém querido, amado, capaz de aprender, de desenvolver-se? De que forma esses temas e esses juízos são formulados? Em clima de sinceridade, de transparência? Em clima de busca da verdade, de fraternidade, de gratuidade? Um currículo pode ser expresso por escrito, formalmente, em um documento. Todavia, é em sua prática concreta que ele produz efeitos.

O trabalho educativo, de modo especial aquele realizado nas instituições escolares, passou, gradativamente, de ação isolada de um preceptor, que orientava uma criança ou jovem, para grupos de profissionais que orientam

grupos de educandos. A divisão do trabalho escolar levou à necessidade de coordenação e de integração das diversas intervenções, de modo que se apresentasse como uma unidade que fizesse sentido ao educando. A tarefa de ordenar e dar seqüência ao trabalho educativo passou a ser obrigação da escola e não unicamente dos educandos. Para isso, diversos mecanismos organizacionais e métodos pedagógicos foram propostos, havendo, entretanto, a nosso ver, na maioria das situações e de modo especial em nosso país, um esquecimento que inviabiliza a chegada ao objetivo proposto: apresentar o trabalho educativo como uma unidade dotada de significado para o educando. Esse esquecimento é o que se pode chamar de “esquecimento do sujeito educativo”. Há, na maioria das vezes, um esquecimento da importância do sujeito educativo, pensando-se ser possível substituí-lo por procedimentos ou instrumentos impersonais. Entretanto, a complexidade humana exige, no processo educativo, uma relação entre pessoas que possam partilhar os significados presentes em cada situação, sendo esses significados e essas situações sempre específicas e situadas em um tempo e em um espaço, e que, muitas vezes, não se repetem nunca mais.

Portanto, ao falarmos de educação para a dignidade humana, estamos falando da existência de um sujeito educativo que tem consciência dos elementos que constituem a situação educativa e do currículo como instrumento de ação do educador, que vive a experiência da dignidade humana, podendo, portanto, comunicar aos educandos o significado dessa mesma experiência. Torna-se interessante ressaltar que esse sujeito educativo é um conjunto de pessoas que se constituem em um sujeito comunitário, em constante interação, buscando o equilíbrio entre um “eu pessoal” e um “nós grupal”. O sujeito comunitário forma-se quando surge um “nós-ético”, ou seja, uma situação em que se dá uma comum-união entre elas.

Com esses pressupostos, podemos falar da contribuição de Paulo Freire a uma educação para a dignidade humana, da qual a autonomia é um dos componentes. Poderemos também compreender o trabalho educativo que vem sen-

do realizado no Centro Sócio Educacional Sanitário Madonnina del Grappa. Esses dois interesses é que norteiam as reflexões dos itens que seguem.

## 2 Paulo Freire e sua contribuição para o campo da educação

O professor Paulo Freire nasceu em 19 de setembro de 1921 e faleceu em 2 de maio de 1997. A ele foi outorgado o título de doutor *Honoris Causa* por vinte e sete universidades. Recebeu, entre outros, os prêmios “Rei Balduíno para o Desenvolvimento” (Bélgica, 1980) e “UNESCO da Educação para a Paz” (1986).

Ao considerarmos a contribuição de Paulo Freire para o desenvolvimento da Educação no Brasil, é possível destacar dois momentos marcantes: seu trabalho anterior à sua saída do Brasil – dada por imposição do governo militar, que o afastou do país por longo tempo – e a sua volta, com a consequente presença pessoal no cenário educacional brasileiro. Durante a ausência de Paulo Freire no Brasil, houve uma geração de seus leitores que, não tendo contato direto com ele, conheciam-no por suas obras, das quais a *Pedagogia do oprimido* foi, provavelmente, a mais difundida e significativa. As propostas nela apresentadas eram suficientemente amplas para abrigar diferentes iniciativas em diversos setores sociais, todas elas considerando-se genuinamente portadoras do “método Paulo Freire”, ainda que, entre si, muitas vezes, fossem até antagônicas.

Com a volta ao Brasil, houve a inserção pessoal de Paulo Freire no contexto brasileiro como um todo e, em muitas situações, em regiões e cidades específicas. O educador posicionou-se, então, diante de temas concretos e pontuais da realidade nacional que lhe eram apresentados, o que fez surgirem polarizações pró e contra Paulo Freire. A polarização manifestou-se, inclusive, quando foi convidado por Dom Paulo Evaristo Arns, Arcebispo

de São Paulo na época de seu retorno, a atuar como professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Nessa ocasião, surgiu, entre os professores que votariam pela contratação de Paulo Freire, uma divisão: pró Paulo Freire; contra Paulo Freire. Ao final, Paulo Freire, foi contratado. Por solicitação do Arcebispo, passou a atender não só aos trabalhos de professor universitário, mas também à Pastoral Universitária, que, na ocasião, era chamada de Comunidades Universitárias de Base (CUBs). Nessa época, fomos encarregados de fazer a mediação entre as pessoas e os grupos da Pastoral Universitária e Paulo Freire. Semanalmente, ocorriam encontros, que se tornaram ricos de significado, pois eram uma das formas pelas quais Paulo Freire conseguia comunicar sua experiência aos jovens e aos demais participantes de diversos projetos em andamento. Esses encontros marcaram muitas vidas de universitários, influenciando-os a direcionar seus esforços para adequar suas profissões à prestação de serviço à população mais necessitada. Exemplo disso, é o caso de uma bióloga que desejava estudar nutrição e, conversando com Paulo Freire, passou a encarar o tema da desnutrição, iniciando um caminho que a levou à pos-graduação no Brasil e fora dele. Ela é, hoje, uma referência nacional e internacional em recuperação nutricional de pessoas e populações subnutridas, tendo formado muitos outros profissionais e instituições voltadas para esse trabalho. Também estudantes de direito que se integraram a centros de direitos humanos nas periferias das grandes cidades são, hoje, advogados ou juízes que se ocupam de áreas do direito mais diretamente ligadas à população pobre.

O que explicava essa polarização em torno de Paulo Freire? Provavelmente, deveriam existir diversas causas, mas pelo menos duas podem ser indicadas: uma primeira, de natureza emocional, constituía-se pelo fato de a figura ausente de Paulo Freire permitir-nos pensá-lo de maneira idealizada, sem os determinantes concretos de uma pessoa real, que sempre pode agradar e desagradar; a segunda refere-se ao fato de que a figura que julgávamos sempre concordar conosco começava a apresentar pontos de divergência, uma vez

que, com sua chegada e inserção na realidade concreta brasileira, era chamado a opinar sobre uma série de temas.

Todavia, uma outra razão, de ordem mais teórica, era apresentada pelos “contra”. Para melhor entendê-la, torna-se importante registrar que, por ocasião da volta de Paulo Freire ao Brasil e durante as duas décadas seguintes, o pensamento dominante no mundo acadêmico brasileiro era o que se pode chamar de materialismo dialético mecanicista. Esse pensamento, tendo em sua matriz o materialismo dialético, no caso brasileiro, acentuava, por inúmeras razões – talvez entre as quais as dimensões da realidade do país –, a crença na mudança, de forma mecânica e fatal, da história. A única contribuição possível seria, pois, acirrar os conflitos, acelerando a luta de classes que era o motor da história. Muitos defensores dessa idéia viam em Paulo Freire, quando ausente do Brasil, um aliado no acirramento da luta de classe, pela denúncia que fazia dos mecanismos de opressão. No entanto, quando Freire volta e pronuncia um discurso de mudança baseado no diálogo, é visto por aqueles como alguém que atrasa o avanço da história, pois ameniza o conflito. Por outro lado, os que combatiam a visão dominante do materialismo dialético viam, no pensador pernambucano, um possível perigo, julgando ser ele um defensor da luta de classes.

Desse modo, Freire era hostilizado tanto pela chamada esquerda quanto pela direita. Nesse contexto, foi muito importante o apoio que recebeu de D. Paulo Evaristo Arns – considerada pessoa insuspeita de estar do lado dos opressores –, que, em encontro com a Pastoral Universitária, testemunhou que Paulo Freire apresentava uma autêntica antropologia cristã.

Nesse ambiente acadêmico e cultural, o mestre da educação reiniciou sua vida no Brasil, tendo a PUC-SP como ponto básico de sua nova inserção, vindo residir, inclusive, a uma quadra da Universidade Católica.

Para melhor compreender, então, a contribuição de o mestre da educação para o campo educacional, torna-se interessante perguntar que ponto de partida, de chegada e caminho são propostos por ele.

Freire, como documentam seus escritos e suas falas em muitas ocasiões, afirma que o homem é um ser com dignidade intrínseca, nasce incompleto e precisa dos outros para desenvolver sua plena capacidade vital e humana. O ponto de chegada por ele proposto é, então, o desenvolvimento pleno de sua humanidade, que se manifesta na dupla capacidade de ser livre e ser responsável. O caminho, por sua vez, refere-se ao constante aprender a relacionar-se com a realidade, lendo seus significados, captando seu sentido. Trata-se de um processo permanente de compreensão do eu, dos outros, do mundo físico, cultural, político etc. Esse aprender ocorre pelo diálogo, que, alimentado pela hipótese da comunhão possível entre os homens, visa viver a comunhão já existente, mas ainda não totalmente percebida ou realizada.

Paulo Freire, iniciando a elaboração do livro *Pedagogia da autonomia*, disse, uma vez, em um pequeno encontro, que começava a repensar a obra *Pedagogia do oprimido* para atualizá-la à luz de suas novas experiências. Esse caminho percorrido por ele, de uma pedagogia do oprimido a uma pedagogia do autônomo, bem sintetiza sua contribuição para o campo da educação: ele nos ensinou a como colaborar para que todos os homens possam passar de sujeitados a sujeitos; de possibilidades a realidades. Esse autônomo, como registra o livro *Pedagogia da autonomia*, não é, entretanto, o individualista proposto pela sociedade do consumo e da concorrência desenfreada, do usufruto sem reflexão sobre o bem dos demais. Essa autonomia refere-se à capacidade de descobrir um apelo na história, nos acontecimentos, e que, eticamente comprometido, tenho liberdade e autonomia de responder. Se não sou autônomo, não posso ser ético, dirá Paulo Freire.

Portanto, é possível dizer que há, em Freire, uma concepção de vida como resposta a uma presença que dialoga e que convoca a pessoa a transcender, a sair de si em direção a um outro. Quem seja esse outro, em seus escritos, mais constantemente, são as próprias pessoas humanas em suas vidas concretas. Entretanto, em um dos últimos registros de suas intervenções, em vídeo,

o pensador pernambucano fala de sua fé em Cristo, de forma explícita. Esse seria o grande outro que nos chama a todos para a vida em comunhão.

Paulo Freire é, na realidade brasileira de modo especial, talvez graças à sua presença pessoal e marcante nos contextos acadêmico, cultural, social e educacional, uma figura à qual se atribui inúmeros significados. Muitos o consideram como criador de uma técnica de alfabetizar; outros, como educador político; outros como filósofo da educação; alguns, como poeta, e, ainda, há grupos que se dizem os verdadeiros continuadores de sua obra, por oposição a outros que assim se proclamam, mas não o são. Qualquer que seja a perspectiva, é inegável ter sido Paulo Freire um marco no campo educacional, uma referência que deve ser levada em conta quando se quer fazer um trabalho sério em qualquer área da educação. Como Paulo Freire propõe um método que se insere em uma longa tradição humanista, com base fenomenológica, seus desdobramentos são inúmeros e podem ser amplamente utilizados na educação infantil, no ensino básico, na educação profissional etc. Ele mesmo dizia que sua proposta era mais um método de abordagem da realidade do que técnicas específicas de educação.

No Brasil, ocorreu uma separação entre o que se chamou de educação popular e educação escolar. Até a década de 1980, esses dois setores educacionais viveram em conflito teórico e prático. Os chamados educadores populares, ligados aos movimentos sociais de base rurais e urbanos, diziam que a escola pública não atendia aos interesses da classe trabalhadora e excluía as crianças e jovens desses movimentos sociais; queriam, por isso, tomar posse da escola para transformá-la. Os educadores escolares diziam que a verdadeira escola popular era a pública, pois atendia à maioria das crianças e jovens, enquanto os movimentos populares representavam pequena quantidade da população; defendiam-se da acusação de serem autoritários e domesticadores das crianças, alegando a necessidade da disciplina para aprender. Quem sofria com isso, na verdade, era a população que não via seus reais interesses atendidos. Freire, ao propor um método, mais amplo que uma simples técnica,

ofereceu as condições teóricas para a integração das abordagens escolares e populares, mediante a criação de uma educação comunitária. Outros educadores contribuíram para a concretização dessa integração, sendo, entretanto, Paulo Freire, um de seus maiores incentivadores. A experiência vivenciada pelo Centro Sócio Educacional Sanitário Madonnina del Grappa, analisada no próximo item, pode comprovar-nos isso.

### **3 O Centro Sócio Educacional Sanitário Madonnina del Grappa**

É nesse contexto de educação comunitária que o Centro Sócio Educacional Sanitário Madonnina del Grappa pode ser mais bem compreendido, pois nele se incorporam a educação escolar e a popular.

A chamada educação popular caracterizou-se por desenvolver-se em ambiente sem muita institucionalização, sem grandes formalizações, geralmente mediante comunicação oral, com objetivos pontuais e específicos de mudança da realidade sociocultural, econômica e política. A educação escolar, por outro lado, define-se como sistemática, gradual e progressiva, com conteúdos e práticas previamente definidos, abordando temáticas que, na maioria das vezes, não contemplam interesses imediatos dos educandos. Além disso, as escolas de educação formal, como conferem diplomas, estão sob jurisdição das autoridades públicas, o que não acontece com a educação popular. As exigências de funcionamento com a consequente fiscalização são mais rigorosas no caso da educação escolar.

A educação comunitária, ao acolher a temática da educação popular e ao levar em conta as exigências da educação escolar, cria condições para o surgimento de uma nova modalidade educacional, mais adequada às necessidades e características da população carente. Exige, no entanto, um tipo de condução administrativa e pedagógica mais complexa e dedicada.

O Centro Sócio Educacional Sanitário Madonnina del Grappa apresenta-se como uma entidade educacional e prestadora de assistência alimentar e de saúde. Atende a crianças de 6 meses a 6 anos na “creche”, e de 8 anos ou mais, na “escola” e no “profissional”. É, ainda, local de trabalho para a população da região. Com atividades ligadas à paróquia, desenvolve serviços religiosos, de catequese, de assistência e de orientação à população. A “escola” destina-se a crianças e jovens, cuja faixa etária está em desacordo com a série escolar cursada.

A legislação educacional atualmente vigente no Brasil estipula condições para o funcionamento de um estabelecimento que se destine ao atendimento escolar:

a) Educação Infantil: responsabilidade prioritária do município, partilhada com a família e com a sociedade. É importante observar que a creche, enquadrada no sistema de educação infantil, não se caracteriza como exclusiva atenção aos portadores de necessidade sociais, tais como baixa renda, pobreza etc. Sua organização depende da clientela atendida. Os programas destinados a essa faixa etária têm priorizado o atendimento de crianças cujas mães trabalham fora de casa e, desse modo, não podem cuidar de seus filhos. Todavia, cresce a percepção de que as instituições localizadas em regiões carentes realizam um trabalho necessário às crianças, ainda que as mães tenham tempo livre para atendê-las, mas não o fazem por descuido ou incapacidade. Nesse caso, além de atender às crianças, a instituição realiza um trabalho complementar de educação das mães para que assumam a maternidade e adquiram ou readquiram sua dignidade de pessoas humanas. Desse modo, atender às crianças é parte de um programa mais amplo de atenção às famílias, cuja base de sustentação, na maioria dos casos, é a mulher. Alguns programas desenvolvidos com esse espírito consistem em atenção alimentar, com trabalho ligado ao acompanhamento nutricional, e em

atividades de desenvolvimento socioeducativo. A atenção às crianças de zero a quatro anos, até 1996, situava-se na área da saúde, havendo a exigência de uma enfermeira para supervisionar o atendimento e da autorização de funcionamento, dada pelo distrito de saúde da região; as crianças de quatro a seis eram atendidas em pré-escolas, subordinadas à legislação educacional. Após 1996, com a Lei de Diretrizes da Educação Nacional, a creche incorporou-se ao campo educacional, sendo regulada pela legislação educacional. Sua autorização e supervisão devem, pois, ser feitas pela autoridade educacional. Todavia, como a tradição e a formação dos crecheiros estão baseadas no cuidar e não no educar, a formação dos funcionários de creche como educadores está sendo incrementada. Há municípios que ainda não completaram a formação de seus funcionários.

b) Ensino Fundamental e Médio: inclusão é a atual palavra de ordem da educação fundamental e média, de modo especial, do atual governo federal, cujo *slogan* é ‘Brasil, um país de todos’. A inclusão é pensada como um direito subjetivo da criança e do jovem e um dever da sociedade e do governo, de modo a resgatar a dívida social. Há secretarias do Ministério da Educação voltadas para a inclusão de portadores de necessidades especiais para menos (visão, audição, mental, físico etc.) ou para mais (superdotados). O grande problema é a inclusão dos portadores de necessidades sociais (crianças e jovens em situação de risco, de liberdade assistida, excluídos da escola). Muitos sistemas educacionais estão buscando metodologias para efetuar essa inclusão, havendo algum financiamento para projetos dessa natureza. A adequação idade-série, mediante um trabalho educativo, tem sido tentada pelos diversos sistemas educacionais com iniciativas que vão desde a promoção automática até as classes de aceleração. Todavia, parece que a organização escolar tradicional e convencional tem tido dificuldade para compati-

bilizar o atendimento simultâneo de crianças e jovens que seguem um curso em ritmo compatível com a maioria e outros que necessitam de mais tempo ou de cuidados diferenciados. Nesse sentido, a experiência do Centro Sócio Educacional Sanitário Madonnina del Grappa pode servir de paradigma para sistemas educacionais interessados no problema da inclusão social e escolar.

c) Educação profissional: a formação profissional em nível de educação básica (fundamental e média) está, após 1996, e, de modo especial, após 2000, desvinculada do ensino regular, ou seja, pode ocorrer antes, durante ou depois da escolarização regular. Pode, ainda, ser realizada por módulos a serem totalizados em até cinco anos. Existe a figura do aproveitamento de experiências, pelo qual uma instituição, ao atestar que um profissional, mesmo que não tenha cursado ensino sistemático, possui capacidade suficiente para exercer determinada profissão, entrega-lhe um documento confirmando essa capacidade, ou seja, há uma lógica que orienta a formação profissional voltada para atender às necessidades de mercado. Uma escola que se destine à formação de profissionais precisa decidir se orientará sua ação para o mercado de trabalho, para o mundo do trabalho ou para ambos. Formar para o mundo do trabalho significa ampliar a formação para além de aspectos técnicos, chegando a outros que, ao fortalecerem a capacidade criativa e de adaptação do profissional, favorecem a busca pela sobrevivência. Uma atenção ao mercado de trabalho torna-se igualmente necessária para que se evite a formação de profissões ou ocupações em extinção. Nesse sentido, escolas situadas em regiões muito urbanizadas podem pensar em formar para a atuação no setor de serviços, como alternativa à indústria ou agricultura. Tão necessário como formar para uma habilidade profissional específica é formar para inserção no mercado de trabalho, o que significa saber procurar emprego, saber portar-se numa

entrevista etc. A parceria da escola feita com entidades patronais pode ser útil para os educandos que, desse modo, aumentam suas opções de ingresso no mundo do trabalho.

É nesse cenário educacional que se insere o Centro Sócio Educacional Sanitário Madonnina del Grappa: considerando as características sociais, culturais e econômicas de uma população reconhecidamente em processo de exclusão social e com necessidades de todo tipo.

O pensamento e a proposta pedagógica de Paulo Freire são assumidos como marco referencial para a atuação do Centro. Podem ser destacados da totalidade da proposta de Freire os seguintes componentes, mais claramente presentes no centro: a decidida atuação em favor da libertação do oprimido, a transparência e o diálogo como forma de interação entre as pessoas, a consideração do ser humano como alguém dotado de dignidade intrínseca e estruturalmente necessitado de relacionar-se com os demais.

Como dissemos, o pensador pernambucano propõe um método com uma base fenomenológica, podendo seu desdobramento ser amplamente utilizado na educação infantil, no ensino fundamental e médio e na educação profissional, mais como método de abordagem da realidade do que como técnica específica. No caso da alfabetização propriamente dita, o Centro pode valer-se da proposta de Freire e equipe, tal como a apresenta Carlos Rodrigues Brandão.

É possível perceber, em grande parte dos integrantes do Centro, um desejo de que se concretize uma integração entre todos os que nele atuam. Para tanto, os envolvidos comprometem-se com alguns projetos, inclusive com propostas objetivas. O desejo de viver em comunhão pode ser considerado como autêntica manifestação de uma sadia humanidade e ser levada em conta como valor positivo para o centro. Todavia, não se concretiza sem um trabalho que vença o individualismo, como forma habitual de vida.

A metodologia de formação de sujeitos coletivos apresentada nos encontros de formação dos educadores do Centro pode ser um recurso para a integra-

ção, havendo outros que podem produzir igual efeito. A formação de um sujeito comunitário é, portanto, prioridade na busca de uma autêntica integração dos trabalhadores e do trabalho. Como facilitadora dessa integração, adota-se uma estrutura organizacional que leva em conta a necessidade de ordenar a divisão do trabalho e a do poder. Um conceito que ajuda na busca dessa estrutura é a noção de unidade mínima operativa, que procura identificar o conjunto de trabalhadores, equipamentos, espaços, que realizam um serviço ou produzem um bem, de modo que seja possível assinalar algumas fronteiras entre outras unidades que produzem outros bens ou serviços. A idéia de núcleos que prestam um serviço específico pode desvincular essa prestação de serviço de uma base geográfica única, tal como o espaço do centro, e permitir pensar a atuação de um núcleo em áreas de moradia e vida de populações e pessoas efetivamente pobres. Pode, ainda, permitir que o núcleo realize avaliações e seja avaliado em função dessa diretiva de atendimento efetivo aos pobres. O que constitui e valida a existência de um núcleo é a finalidade de sua atuação, ou seja, a idéia de serviço pode estar mais presente continuamente.

Em uma avaliação de conjunto, é possível dizer que o Centro Sócio Educacional Sanitário Madonnina del Grappa apresenta as condições básicas para o desempenho da missão a que se propõe, mediante o desenvolvimento de uma metodologia baseada nas propostas de Paulo Freire. Supera as meras educação popular e educação escolar, como aqui foram caracterizadas, e caminha para uma autêntica educação comunitária, como fator de promoção humana verdadeira. Esse processo necessita de tempo para institucionalizar-se, evidentemente, mas há esperanças, pois se percebe que os trabalhos realizados apontam na direção correta.

Paulo Freire, abordando a temática da formação de educadores, em um dos encontros que tivemos a felicidade de coordenar na Universidade de São Paulo (USP), disse que precisamos ser poéticos e comoventes: poéticos, no sentido autêntico da palavra, isto é, criativos; comoventes, no sentido de sermos capazes de movermo-nos com os outros e que o nosso mover-se mova os demais.

## EDUCATION FOR THE HUMAN BEING DIGNITY: PAULO FREIRE'S CONTRIBUTION IN THE CENTRO SÓCIO EDUCACIONAL SANITÁRIO MADONNINA DEL GRAPPA ACTUATION

The text presents and analyzes some contributions of Paulo Freire for the development of an Education for the human being dignity. It remembers, yet, some episodes of the presence of Paulo Freire in Brazil and its repercussion in the academic and social Brazilian environment. It evaluates the influence of the educational proposals of Paulo Freire in the organization and development of the works carried through in a school destined to the attendance of children and youngs excluded of the regular system of education, hosted in the Ceará - Brazil.

**KEY WORDS:** Education. Educational Center Madonnina Del Grappa. Paulo Freire.

Recebido em 21 maio 2007 / aprovado em 18 jun. 2007.

### Para referenciar este texto

SILVA, J. M. da. Educação para a dignidade humana: a contribuição de Paulo Freire na atuação do Centro Sócio Educacional Sanitário Madonnina del Grappa. *EccoS*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 183-198, jan./jun. 2007.